

Manoelina dos Coqueiros

No princípio da década de 30, no povoado dos Coqueiros, a 12 km de nossa cidade, uma moça de família muito pobre, segundo os habitantes daquela época, começou a fazer milagres. Analfabeta, de origem humilde, ficou conhecida como Santa Manoelina dos Coqueiros. Logo, a notícia se espalhou por MG, diversas regiões do Brasil e até alguns países da América do Sul. Nossa cidade tornou-se um centro de fé e curiosidade. Os poucos carros da época não davam conta de transportar os romeiros que vinham de toda parte via Jeceaba. Chegavam cartas de todo o Brasil e do exterior, que ela benzia e ateava fogo logo em seguida. Mal sabia ela que as cartas continham dinheiro, pois, foram achadas muitas moedas de 1.000 reis e pesos entre as cinzas dos papéis das cartas. Entre Rios ficou conhecida no País inteiro, por causa de reportagens veiculadas na revista "O Cruzeiro", a principal da época e o Jornal "A Noite", um dos maiores do Brasil, onde o grande repórter e compositor Davi Nasser, narra os milagres acontecidos em Entre Rios de Minas.

Manoelina faleceu em Crucilândia em 1961, com 56 anos de idade, onde foi enterrada. Seu túmulo até hoje é muito visitado.

Agradecimentos: Nelson Torquato

O Poeta Juca Suspiro registrou em 27 de abril de 1931, que, Manoelina certa vez estava doente para morrer, tendo recebido até a extrema-unção. No dia seguinte pela manhã ela se ergueu da cama completamente curada. Ela relatou que sonhou com um anjo, e este anjo a havia abençoado. O anjo ainda lhe disse para fazer caridade por todos os que tivessem doença e necessidade. Desde então ela nunca mais se alimentou, e há quatro meses que passa de vinho e água. Nunca recebe dinheiro pelos milagres que faz, e o lugarejo de Coqueiros está sempre cheio de doentes e romeiros.

Manoelina dos Coqueiros, milagres de uma Santa cabocla de Entre rios que atraiu com seus milagres todo o Brasil, na década de 50.

Milagres da santa repercutiram em todo o Brasil, mas sua história é uma mistura de misticismo e segurança pública. “Desde o instante em que o chefe do trem atravessou o carro, de ponta a ponta anunciando com voz forte - João Ribeiro! João Ribeiro! -, todos os olhares se dirigiam para as colinas inexpressivas da região em que reside a famosa Manoelina dos Coqueiros. O comboio pára em frente a estaçõzinha. Pescoços espichados puseram para fora das janelas as cabeças curiosas. A plataforma da estação atravessam gente e de volume, emprestava um aspecto de grande cidade à pacata povoação de João Ribeiro. Ao lado da gare, centenas de automóveis, ônibus e caminhões disputavam a preferência dos romeiros, com o convite tentador: “Vamos ver santinha dos coqueiros. Só 25\$000 por pessoa”.

Nos anos de 1931, uma menina que fazia milagres, Manoela Maria de Jesus, a Manoelina dos Coqueiros, curava doentes e que um dia acabaria sendo internada no instituto Raul Soares, em Belo Horizonte, numa manobra policial do Secretário do Interior, Gustavo Capanema.

João Ribeiro era, segundo relatos, uma cidade de uma única rua de mais de 600 metros. Possuía apenas uma pensão para abrigar os romeiros que vinham de todos os rincões do país. Aos poucos com os sucesso da Santa, a cidade se transforma e vê no romeiros uma fonte de renda. Todas as casas se transformam em pensão para atender os peregrinos em pernoite.

Romeiros iam e vinham. Famílias inteiras com seus filhos, trouxas, balaios, embrulhos. Velhas descalças e pequeniques improvisados à beira da estrada. Nas fisionomias das pessoas brilhava a esperança do milagre. Este era o retrato da época em que a santa alcançou a fama que se espalhou por todo o país e exterior, atraindo pessoas de todas classes e raças.

Ela foi assunto nos jornais nacionais da época, década de 30. Pelos técnicos era chamada de Bruxa e a Igreja era cética quanto aos seus milagres. Mesmo analfabeta, recitava orações em latim.

Sua casa era uma habitação pobre e rude. Sua única alimentação era um cálice de vinho, servido nas horas de êxtase.

Sua fama ganhou o país e peregrinos andavam milhares de quilômetros atrás das curas da santa. À época ela causou espanto e muitas versões sobre os milagres.

O Estado tratava Manoelina dos Coqueiros como um caso perigoso de segurança pública, carregado de misticismo.

Ela vestia uma roupa comprida e um cordão de São Francisco à cintura e no pescoço carregava um rosário de grandes contas e na mão um crucifixo de madeira. A cabeça era enfeitada por um pano branco. Era a quinta filha num total de 13 filhos da família de Miguel da Rocha e Rosária Maria da Conceição. Sua casa ruda e de pau a pique. Um pequeno casebre. Em frente milhares deromeiros se amontoavam diante do quarto da Santa. Após longa viagem, muitos não eram atendidos, tal a quantidade de pessoas à procura de um milagre ou cura. Carros de luxo, limosines e sedan se amontoavam no terreiro. Todos à procura da água milagrosa distribuída pela Manoelina

O número que acreditavam na santa crescia. Multidões iam à procura da água milagrosa. Os casos eram contados em todos os rincões. Segundo relatos da época era um clima fanático. O comércio de João Ribeiro crescia e diversificava. Com uma única rua, a cidade possuía apenas uma pensão. “Agora a porta de quase todas as casas avançam para o meio da rua, tabuletas improvisadas em letreiros brigando uns com outros e em absoluto desacordo com o português: pêsão, penção”, diziam os repórteres.

A história da Santa Manoelina é um mistura de misticismo e fanatismo da época. Muito acusada de charlatã, o certo é que sua história ficou marcada por diversas versões. Foi perseguida pela igreja e o estado que viam nela um perigo. É claro que havia exageros dos peregrinos e de alguns oportunistas que viam na multidão e na fé um meio de locupletarem.

Depois de sua prisão e seqüestro ela ficou bastante doente, possivelmente tuberculosa. Devido às pressões da igreja e do estado ela mudou para D. Silvério, hoje Crucilândia, após sofrer internamento em Belo Horizonte. Lá continuou atendendo as pessoas. Manoela

faleceu em 1961, aos 56 anos. Seu túmulo é até hoje visitado por peregrinos atrás de curas.

Estado e Igreja não concordavam com milagres

Manoela é presa e internada em Belo Horizonte

Em junho de 1931, o Estado se diz preocupado com as romarias que se formavam para visitas a Santa. Diz o texto do jornal:

“Junho começa com boatos das ameaças que representavam os fanáticos e doentes que buscavam Santa Manoelina e se aglomeravam na fronteira de Minas e Rio de Janeiro. Nesta época o Secretário de Interior já havia tomado a decisão de enviar uma missão militar a D. Silvério, cidade mineira, onde ela já estava morando”.

A intenção era convidá-la a vir a Belo Horizonte para um encontro com o governo. Na verdade ela foi seqüestrada. A notícia foi divulgada no dia 12 de junho, quando ela chegou a capital mineira. Um major confidenciou à época. *“Era mais fácil buscar criminosos no mato do que uma santa entre quatro mil romeiros”.* Ela foi internada, como sendo uma *“presença prejudicial à região que ficou sendo um foco de doenças e um valhacouto de ladrões e marginais”.*

Internada no Raul Soares, Manoelina se enfureceu. Fez greve de fome e recusou a tomar os medicamentos. Tratada como “anormal”, seus advogados, Osmam Loureiro e José Alves, entraram na justiça com pedido de habeas-corpus. Seu pai, Miguel da Rocha denunciou ao juizado de menores e no dia 16 de junho é divulgada sua libertação. Ela volta a D. Silvério e o governo mineiro toma providências de impedir a movimentação de peregrinos e **“afastar o perigo de um novo Canudos”**. Quando soube da notícia uma multidão se aglomerou em frente ao hospital. O estado via na aglomeração de pessoas, em Coqueiros, um motivo para furtos e roubos. “Ela está sendo causa de desassossego público”, diziam as autoridades da época. Ela era acusada de atentado à saúde pública, pois a aglomeração de pessoas propiciava o contágio de doenças diversas. Havia muitos exploradores dos milagres da Santa e “contagante promiscuidade”

O governo diante dos fatos usa da lei e interna a Santa, para submetê-la a um cuidadoso exame de sanidade mental

Em frente a sua casa, vários carros, limosines de luxo, sedans com placas que atestavam as procedências remota de devotos da Santa.

A igreja cética a olhava indiferente ao ponto do ex-vigário d. Rodolpho Penna fazer ameaças de excomunhão caso ela continuasse “a enganar o povo”.

Um padre acompanhado de outro sacerdote pediram para testar a sua santidade, seus milagres e comprovar suas curas. Uma das provas de Manoelina era o vinho que seria depositado em um cálice e que era seu alimento. Mas para fazer milagres com os peregrinos, Manoelina mostrava o cálice vazio, levava o peregrino para fora da sala e depois voltava para mostrar-lhe o cálice cheio de vinho.

Os dois padres sentaram ao lado dela que ajoelhada rezou muito, mas o milagre não aconteceu. Ela justificou dizendo que naquele dia os anjos não estavam muito dispostos. A multidão soube das ameaças e houve um principio de revolta, controlada por repórteres do Jornal Estado de Minas que cobriam as curas da santa.

Visão dos anjos dá poder de cura

As histórias das curas começam em 1930, a partir de visões dos anjos. Ela tinha 16 para 17 anos e estava enganada por um mal, diagnosticado como tuberculose. Para a época a doença era incurável. Sua mãe já havia preparado um vestido com o qual ela seria enterrada. Sua mãe dizia que ela estava muito doente e com o estado de saúde abalado. No dia 15 para 16 de novembro, Manoelina chamou sua mãe por volta da meia noite e disse que os anjos lhe apareceram. Perguntada pela filha se queria algo dos anjos, sua mãe respondeu que desejava apenas o reino da glória a sua filha doente. Manoelina volta a perguntar se sua mãe desejaria algo mais, uma água milagrosa que cure todos os males. Sua mãe responde que sim.

Manoelina diz então que a água estava numa caneca que havia sido abençoada pelos anjos. Manoelina volta a chamar a mãe por volta de quatro e meia e diz que estava curada, afirmando que os anjos lhe

havam curado da doença de tuberculose. No mesmo dia ela começa a fazer milagres. Uma vizinha que fora visitá-la relatou o primeiro milagre. Ela tinha um problema na mão e unha enterrada na carne, proveniente da lavagem de roupas.

Manoelina pergunta se ela queria ser curada, no mesmo instante ela se levanta e busca um pouco d'água e, depois de benzê-la friccionou nas mãos a água. A velha abriu a mão e estava curada do mal. A partir daí os relatos de suas curas ganham a região e o país. Ela se tornaria a Santa Manoelina dos Coqueiros.

Segundo Orlando de Souza Maia, que á época fazia o transporte de passageiros até Coqueiros, gente até de outros países vinham atrás das curas da Santa. Sua fama ganhou ponto alto quando um jornal de São Paulo, "A noite", veio a João Ribeiro fazer uma reportagem sobre seus milagres. O jornal trazia uma foto da Santa curando um cego da cidade de Madureira (RJ). Sua fama se espalhou. Ela recebia milhares de cartas diariamente contendo moedas estrangeiras. Sua família avessa ao dinheiro e desconhecendo seu valor queimou tudo.

Esta foi a primeira notícia

Leia a seguir a primeira notícia publicada nos jornais da época:

"O ano de 1931 iniciou-se com uma série de milagres que uma jovem de 16 anos, moradora no lugar denominado Coqueiros, vem realizando para as pessoas que, em enormes romarias, procuram a choupana da jovem Manoelina, ou Santa Manoelina, como já começa a chamar-lhe o povo.

Conta-se que, indo a choupana da Santa, em busca da água milagrosa que ela distribuía aos que sofrem, um pobre homem levava uma cafeteira para enchê-la do líquido prodigioso que cura todos os males. Acontece, porém, que toda a água santa que havia na choupana, Manoelina a distribuía com os romeiros nesse dia. O homem morava longe e lhe era difícil voltar à habitação da santa. Então, esta, à visita de diversas pessoas, tomou nas mãos a cafeteira vazia e, depois de pronunciar algumas palavras, devolveu-a ao seu portador.

Fonte: Literatura de Cordel - Manoelina Maria de Jesus. A Virgem Milagrosa.

Fonte: Nelson Torquato/Magno Gonçalves Coelho

Crônicas 1930/1934

Coqueiros

Carlos Drummond de Andrade

A cidade (Rio de Janeiro) adquiriu um hábito novo: ir a Coqueiros aos domingos. As pessoas que antigamente no dia mais ocupado da semana, também chamado dia de descanso, seguiam para Santa Luzia, morro Velho ou Acaba Mundo, lugares sem legenda, vão hoje a Entre Rios, onde uma santa faz milagres no alto de um morro. Como nem todos acreditam em milagres, é possível que muita gente realize a excursão pelo gosto de empoeirar-se e regressar morto de fadiga, com várias interrupções para encher o tanque de gasolina ou trocar de pneus. São os incrédulos de todos os tempos, e não há vida de santo que os dispense, como um fundo negro onde melhor espande a auréola prodigiosa. Os santos mais indiscutíveis da história tiveram os seus feitos negados ou postos em dúvida, e esta de agora, que não é indiscutível e talvez não seja santa, com maior razão os terá. A maioria, porém vai a Coqueiros porque coqueiros é um lugar de bênçãos, onde um diálogo se estabeleceu, ardente e puro, entre os anjos do céu e uma cafusa da terra. A cafusa pede ao anjo que ponha ordem nas coisas do mundo, retifique a perna dos paráliticos, sare as feridas, conforte os comerciantes falidos. O anjo diz que vai providenciar e recolhe esses apelos da dor humana. Enquanto isso, no morro, distribui-se em canecas uma água que jorra da bica, e nessa água, que lava todas as misérias, os homens inquietos e as mulheres torturadas encontram a paz que inutilmente haviam procurado nos santuários, nas ruas e nos cinemas deste mundo. A santa, que é pobre, inspira mais confiança aos pobres do que outras santas, e sendo de cor, sendo analfabeta, sendo trabalhadora humilde de fazenda, tudo a recomenda ao carinho dos humildes, dos pequeninos,

que até agora não tinham uma representante direta na classe das taumaturgas. Acresce ainda que é mineira, e para os corações mineiros, que emoção maior do que ver os seus votos atendidos por uma mineira que traz ainda nos olhos a nostalgia das senzalas mineiras, como todo o trabalho, todo o suor, todas as lágrimas e todo a miséria de uma raça que acalentou a nossa infância, depois de acalentar a de nossos pais e de nossos avós.

A lição de Manoelina aos aflitos e aos curiosos que a procuram é uma lição de humildade. Ela nos ensina ver tudo de novo, sem os óculos de Pasteur, que acredita em micróbios, e sem a sobrecasaca dos positivistas, que não acreditavam na vacina. Tudo pode acontecer, e de ordinário são coisas prodigiosas que acontecem.

Na sua casa de barro, entre coqueiros (não sei bem se há coqueiros, mas deve haver), diante do trezinho da central em que todos os doentes e infelizes de Minas e do Rio tomaram passagem, a santa rural fornece água, consolo e palpites de loteria, indicações para ser feliz em amor, e mil outras coisas importantes. Pode não ser uma grande santa. Mas é uma santa mineira, e CÂMBIO ESTÁ BAIXO, A VIDA DIFÍCIL. PARA QUE MAIS?

MANOELINA DOS COQUEIROS (1911-1960)

Manoelina Maria de Jesus, natural de Coqueiros comunidade rural no município de Entre Rios (MG). Nasceu de uma família de lavradores humildes e analfabetos, filha de Miguel José da Rocha e Rosária Maria de Jesus. Era uma moça simples, pobre, honesta e fervorosa. Cantava benditos tradicionais com os romeiros. O povo do lugar começou a atribuir milagres à Manoelina a partir dos seus 19 anos, e passou a procurá-la. A historiadora de Crucilândia, Conceição Parreiras Abritta,[1] conta: "*Chegavam caminhões repletos de pessoas em sua casa, gente à pé, a cavalo, pessoas vindas de todos os lados. A família de Manoelina não tinha mais sossego nem para trabalhar. Chegavam sacos repletos até às bordas de correspondência, muitas das quais traziam dinheiro*". Como não sabiam ler, às vezes queimavam tudo. Todos queriam ver a "Santa Manoelina dos Coqueiros". A mesma escritora conta que por causa disso tudo, a família mudou para Dom Silvério, distrito de Bonfim (MG), no dia 9 de abril de 1931, sem avisar ninguém. As romarias, no entanto, e a correspondência reapareceram. Em Dom Silvério, Manoelina não saía de casa, a não ser aos domingos para ir à missa e comungar na igreja matriz de Crucilândia (MG). Vestia-se de uma túnica azul comprida e um véu branco na cabeça. Dizem que ela não tomava alimentos de espécie alguma. Dormia em um catre de madeira, sem colchão nem roupa de cama. Pessoa íntegra, católica e de bons princípios, sempre foi aceita pela sua comunidade e pelos padres. Nada indica que tivesse convicções espíritas, como sugere o prof. Saul Martins[2]. Dizem que ela curou da tuberculose o carioca Antônio Silvério, que em agradecimento ajudou na construção de um cômodo anexo à casa da Manoelina. Nesta "Ermida", Manoelina rezava e recebia as pessoas, muitas das quais traziam ex-votos de cera e retratos. Havia um altar e muitos santos. Ela limitava-se em benzer uma água que distribuía para as pessoas. Rezava e pedia que rezassem. Normalmente não receitava remédios. Muitas coisas surpreendentes aconteceram na sua vida. Uma delas é que Manoelina sempre adoecia na Semana Santa, piorava na Sexta-feira Santa e melhorava na Páscoa, fato confirmado por um médico do lugar. Ela recebia as pessoas de maneira gentil e respeitosa. Como era solteira, alguns a chamavam de Virgem Manoelina. Manoelina Maria de Jesus era estimada pelo povo da região. "Vítima de uma anemia profunda, aos 49 anos de idade, faleceu na manhã do dia 14 de março de 1960, em Crucilândia (MG),

Manoelina Maria de Jesus. (...) A chamada Santa dos Coqueiros foi enterrada no cemitério paroquial de Crucilândia, na sepultura número 284", onde até hoje flores são colocadas. v. Almas santas. w Numa fotomontagem distribuída aos romeiros, vê-se uma mulher morena, vestida de branco, véu na cabeça e um crucifixo na mão esquerda. Seus pés descalços pisam sobre a lua. Na parte superior da foto dois anjos trazem as palavras "Deus te guie". w O poeta popular Zé Vicente publicou em Belém (PA, 1931) o folheto "A Santa dos Coqueiros". Em 16 páginas, descreve a vida de Manoelina, começando com as palavras: Foi lá em Belo Horizonte.

[1] ABRITTA, Conceição Parreiras. História de Crucilândia. Belo Horizonte, Página Studio Gráfico, 1988. Citações: pp.100 e 102-103.

[2] MARTINS, Saul. Folclore em Minas Gerais. 2a.Ed. Belo Horizonte, Ed.UFMG, 1991. p.68. O autor opina: "Na área do espiritismo, sobretudo o de Alan Kardec, a primeira grande expressão revelada foi Manoelina ou Santa Manoelina dos Coqueiros, como se tornou conhecida e venerada na década de 30. Seguiram-se Chico Xavier (...), Zé Arigó, .".